

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis



No XX ano das aparições

O TERÇO DO S. ROSÁRIO QUOTIDIANO — PROVISÃO

D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR GRAÇA DE DEUS E MERCÊ DA SANTA SÉ, BISPO DE LEIRIA

Aos que esta nossa Provisão virem, Saúde, Paz e Bênção em Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador

Amados Diocesanos:

É do bom filho ouvir atentamente as determinações e conselhos de sua mãe.

Sendo assim para as mães da terra com maioria de razão deve ser para a nossa querida e Santa Mãe do Céu — Rainha e Senhora Nossa.

Ora a Santíssima Virgem dignou-se descer à nossa terra em 1917 — há 20 anos — e aparecer várias vezes a uns humildes pastores serranos. Vinha vestida de luz, deslumbrante de beleza e trazia nas suas benditas mãos um lindo Rosário.

Preguntada por uma das crianças quem era, respondeu:

Sou a Senhora do Rosário...

A Santíssima Virgem insistiu com os pastorinhos para que todos os dias rezassem o terço do Rosário e espalhassem esta devoção.

O S. Rosário dado por Nossa Senhora a S. Domingos para converter os ferozes herejes Albigenses, é a devoção que os Sumos Pontífices sempre aprovaram e especialmente o grande Papa Leão XIII nas suas encíclicas imortais como arma contra os erros modernos.

As aparições de Nossa Senhora em Fátima foram precisamente no mesmo ano em que o comunismo — síntese de todos os erros religiosos, morais e sociais — começou a fazer a sua propaganda nefasta.

Precisamos, por isso, de ouvir as palavras de Nossa Senhora que, como boa mãe, quer livrar os seus filhos do mal, do erro e da corrupção.

Nesta querida Diocese é antiga e arreigada a devoção de Nossa Senhora do Rosário espalhada pelos R. Padres Dominicanos do antigo mosteiro da Batalha, nos templos, nas capelas, nas ruas das povoações e nas famílias.

Hoje principalmente não deve haver família nem pessoa alguma nesta Diocese que não reze todos os dias o terço do S. Rosário.

A demais neste vigésimo ano das aparições de Nossa Senhora, gratos a tantas graças que nos tem concedido, queremos oferecer à Nossa querida Mãe um

LIVRO DE OIRO

Este livro há-de conter o no-

me dos devotos da Santíssima Virgem e será colocado no Santuário de Nossa Senhora da Fátima como compromisso de honra que os seus assinantes tomam de rezarem todos os dias com a família, com o povo numa capela ou igreja o terço do Rosário ou a sós, se não puder ser em comum.

Os nomes inscrevem-se em fôlhas de papel, com indicação da freguesia, assinando alguém a rogo dos que não souberem ler.

Essas assinaturas serão man-

dadas para o Santuário da Fátima ao Rev. P.º António dos Reis ou entregues ao Rev. Dr. Joaquim Carreira, no Seminário de Leiria, para as fazer chegar ao seu destino.

Para haver uniformidade nas fôlhas do Livro de oiro as assinaturas serão para aí copiadas.

Além dos Revs. Párocos que são sempre os bons coadjutores em todos os serviços da glória de Deus e da Santíssima Virgem, encarregamos especialmente os queridos Rapazes e Raparigas da Acção Católica

de colherem nas suas freguesias essas assinaturas de compromisso.

Esperamos que essas assinaturas estejam recolhidas até aos fins do próximo Setembro.

Esta nossa Provisão será publicada nos jornais católicos da Diocese e lida pelos Revs. Párocos para conhecimento de todos.

Santuário de Nossa Senhora da Fátima, 20 de Julho de 1937.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

CRÓNICA DE JULHO—13

Os actos religiosos que se realizaram, em 13 de Julho findo, na Cova da Iria, para comemorar as aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos e os sucessos maravilhosos que os acompanharam, decorreram segundo a forma habitual, no meio do maior júbilo, devoção e entusiasmo da multidão dos peregrinos.

De modo especial, a procissão das velas, que começou pouco depois das 10 horas da noite e que foi uma das que se têm feito com mais ordem e com mais brilho, revestiu extraordinária imponência, tendo concorrido bastante para o seu bom êxito a amenidade do tempo.

Todavia, o número de fiéis que tomaram parte no magnífico cortejo não foi tão elevado como no dia 12 do mês anterior.

//

A meia-noite, após o canto do Credo pelos peregrinos reunidos na vasta esplanada em frente do

pavilhão dos doentes, principiaram os turnos da adoração eucarística nocturna. Durante o primeiro turno — o turno da adoração nacional — que se prolongou até às 2 horas da madrugada, rezou-se o terço do rosário e meditaram-se os mistérios dolorosos. Pregou o venerando Prelado de Leiria que, nos intervalos das rezas, fez práticas apropriadas, comentando os respectivos mistérios.

Coube o segundo turno de adoração, das 2 às 3 horas, às peregrinações de Vimieiro e Barcelos. Esta última era composta de operários e operárias da fábrica Barcelense que tiveram um tríduo de preparação antes de iniciarem a sua viagem.

O terceiro turno, das 3 às 4, pertenceu às peregrinações das freguesias de Salir de Matos, S. João de Soure e S. José de Coimbra, cujos peregrinos foram conduzidos a Fátima em quatro automóveis e outras tantas caminhetas.

Das 5 às 6, fizeram o quarto

turno de adoração os grupos de Fermentelos, Santa Cruz de Coimbra (quatro caminhetas), Meãs do Campo e Santa Maria de Belém.

As 6 horas, dada a bênção com o Santíssimo, subiu ao altar para celebrar a missa da comunhão geral o rev. Cónego José Simões Maio, pároco da freguesia de Carapinheira do Campo.

Houve cerca de seis mil comunhões.

Tiveram a sua missa privativa, às 6 horas as peregrinações de Fermentelos, Meãs do Campo e Aveiro, às 8 e meia a de Abiul, às 9 as de Salir de Matos e S. José de Coimbra, às 9 e meia a de Setúbal e às 10 a de Barcelos, tendo sido esta última missa acompanhada a cânticos pelos operários e operárias da fábrica Barcelense, às 10 e meia a de Pombalinho e, finalmente, às 11 a de Vimieiro.

Foram estas as principais peregrinações do dia 13 de Julho ao

(Cont. na 2.ª pág.)



Fátima, 13 de Julho — A peregrinação da fábrica Barcelense

A «Voz da Fátima» aparece hoje com o seu formato reduzido.

Como é do conhecimento de todos, os jornais diários foram obrigados a aumentar o preço da sua venda devido à carestia do papel

A Voz da Fátima gastou só em papel, no mês passado, 19.585\$80 (dezanove contos, quinhentos e oitenta e cinco escudos e oitenta centavos)!

O papel da Voz da Fátima custava até abril passado perto de 8 libras e meia cada tonelada e está agora com tendência para subir a 17 e 18 libras também a tonelada.

Em vista desta crise impunham-se 2 soluções:

1.º aumentar o preço do jornalzinho;

2.º reduzir o seu formato.

Optámos por esta solução.

É sabido que a Voz da Fátima é o órgão do Santuário da Fátima, mas dêste não recebe subsídio algum, porque as esmolas dos fiéis não são oferecidas para êste fim.

É também o arauto dos Cruzados da Fátima cujas ofertas são para as despesas com a Acção Católica e cujos membros o recebem.

Não querendo sobrecarregar os Cruzados nem diminuir a quotização para a Acção Católica, só tínhamos um caminho a seguir — a diminuição do formato — como fizemos.

De resto os nossos prezados leitores não sofrem prejuízo porque O Arado e Fé e trabalho vão ter a publicação própria e especializada.

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

NO CONTINENTE

O Rev. P.^o Raimundo Peres, de Vidago, em carta dirigida a *Voz da Fátima* em Fevereiro de 1935, diz o seguinte:

D. Joana Pires Vieira, professora oficial de Vidago, deseja tornar pública nas colunas da *Voz da Fátima*, uma singularíssima graça que ela confessa ter recebido de Nossa Senhora. É o caso que, tendo perdidas as esperanças de salvar um seu filhinho gravissimamente doente, recorre, cheia de confiança à protecção da Consoladora dos Aflitos, e promete, se fosse ouvida neste pedido da saúde para o seu Joãozinho, publicar o favor no jornal da Fátima.

(a) P.^o Raimundo Peres

D. Adelaide Moreira Martins Vicente — Ponte da Barca, diz o seguinte: «Desde fins de Dezembro de 1934 que uma terrível doença me não deixava sossegar de noite nem de dia, tendo crises tão agudas que de nada me valiam os diversos remédios que os médicos me receitavam, atribuindo-me este meu mal à «diabete» de que vinha sofrendo havia mais de um ano.

Na noite de 2 para 3 de Fevereiro tive uma crise tão forte, que julguei endoecer.

Com toda a fé e devoção pedia a Nossa Senhora da Fátima que me concedesse a graça da cura deste terrível mal, prometendo-lhe uma novena e a primeira Comunhão da minha filha Maria Laura, de 7 anos, no dia 13 desse mesmo mês. Principiei a novena no dia 5 e ao terceiro dia da novena já me sentia muito melhor. No dia 13 terminei a minha novena e minha filha fez a sua primeira Comunhão, o mais modesta que pôde ser, fazendo a Nossa Senhora uma humilde festinha, conforme me foi possível. E assim, devido à protecção valiosa da Virgem Santíssima Nossa Senhora do Rosário da Fátima, encontro-me completamente curada daquele terrível mal.

Por tão grande graça venho publicamente testemunhar o meu profundo reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima.

(a) Adelaide Moreira Martins Vicente

Uma carta vinda do Porto, em Março de 1935, diz o seguinte:

Maria Laura Pereira Alexandrino

Lébo Soares, e Domingos Lébo de Sousa Soares — Porto, tendo uma sua filha muito mal, em estado gravíssimo, não consentindo já qualquer alimentação e vendo que o mal se agravava de dia a dia sem esperanças de quaisquer melhoras e que sua filhinha caminhava para uma morte inevitável, recorrem cheios de aflicção, mas com muita fé, à Santíssima Virgem Nossa Senhora da Fátima, dando-lhe a beber da água do seu Santuário. Logo após ter tomado algumas gotas daquela água, seus pais vêem com grande alegria que a sua doentinha tomou o seu próximo alimento e que o estômago lho consente, o que já há muito não sucedia, e que continua recebendo os alimentos cada vez com maior satisfação e agrado.

O médico que a visitou diariamente e que verificara o seu estado gravíssimo, no dia imediato confirma as espantosas melhoras e declara-a livre de perigo. Seguiu-se uma feliz convalescença e hoje, graças a Nossa Senhora da Fátima, goza uma esplêndida saúde.

É esta a grande graça que de jo-

elhos agradecem à Santíssima Virgem Nossa Senhora da Fátima e pedem se torne pública como testemunho da sua muita gratidão e de sua profunda fé e devoção à nossa Boa Mãe e Consoladora dos Aflitos.

(a) Domingos Lébo de Sousa Soares

José Fernandes de Andrade, de 23 anos, solteiro, ourives, — S. Martinho da Gândara — Oliveira de Azemeis, em 1933 começou a sentir-se fraco e a diminuir de peso. O seu estado de fraqueza chegou a ponto de não poder trabalhar. Apareceu a tosse e expectoração abundante. Resolveu então consultar o médico, e este diagnosticou tuberculose pulmonar em princípio. Não satisfeito com o diagnóstico do médico consultou outro que confirmou o diagnóstico do primeiro.

Recorreu então a N.^o Senhora da Fátima pedindo a sua cura, e fazendo-lhe alguns votos que cumpriria se comesse a sentir-se melhor no prazo de 15 dias. Aos 13 dias a tosse e a expectoração desapareceram de repente. Começou a ter apetite e a

aumentar de peso. Meses depois, quando já se supunha bom, voltou ao médico que o deu por inteiramente curado e apto para o trabalho. Hoje sente-se bem, trabalha e está bem nutrido.

Atribui a sua cura rápida a uma graça de N.^o Senhora da Fátima e vem testemunhar-lhe publicamente a sua muita gratidão com a publicação da sua graça na *Voz da Fátima*.

NOS AÇORES

D. Maria da Glória de Sousa — S. Ana — Açores, diz em carta o seguinte:

«Há cerca de três anos apareceu-me um bócio exoftálmico ou papira exoftálmica, isto é, reconheceu-se nesse tempo a doença que me atacava, pois a opinião dos médicos é que já havia alguns anos que ele se manifestara, sem que eu o soubesse.

Nessa data, porém, eram já bem manifestos os seus sintomas, bem como o tumor que, desenvolvendo-se para o interior, também externamente se fazia notar.

Consultei vários médicos, cuja opinião era que só poderia obter cura por meio de uma operação. Essa ideia, porém, atemorizava-me, tanto mais que um dos mais abalizados médicos que consultei, declarava ser essa operação muito melindrosa, sobretudo por o tumor se encontrar demasiadamente próximo duma artéria.

Não podia admitir a ideia de ser operada e desanimava já, pois via que várias pessoas, que sofriam desta doença só conseguiam umas melhoras relativas, após rigorosos tratamentos. Recorri então a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, comecei a fazer uso da sua miraculosa água e principiei em família uma novena. Continuei a submeter-me ao tratamento médico, pedindo, porém, à Virgem que lhe desse a eficácia necessária para que me curasse sem ser operada, e prometendo publicar a graça e oferecer uma imagem de Nossa Senhora da Fátima à igreja da minha localidade, onde desejava ver desenvolver-se essa devoção bendita, que se estende por Portugal como uma bênção do Céu. Ouvii a Virgem a minha humilde petição, pois comecei a melhorar rapidamente: o tumor desapareceu e os sintomas alarmantes foram-se atenuando, até que se extinguiram de todo. Venho, pois, cumprir o meu voto, agradecendo à Virgem o haver-me curado sem a intervenção cirúrgica, que eu tanto temia, e alegrando-me a ideia de que o seu olhar misericordioso balança sobre todos os que humilde e confiadamente imploram a sua protecção e que as mais carinhosas gra-

ças caíam do Céu sobre todos os recantos, até os mais humildes, desta Pátria gloriosa que desde sempre dedicou a Virgem o mais fervoroso culto.

(a) Maria da Glória de Sousa

NO RIO DE JANEIRO

A Sr.^a D. Elvira Abrita de Stefano, moradora na rua Miguel Frias, n.^o 21, Rio de Janeiro em carta dirigida ao Sr. Bispo de Leiria, mostra o seu reconhecimento a Nossa Senhora pela protecção concedida ao seu filho Roberto Plínio de Stefano. Estava muito mal, não tendo chegado os médicos consultados a acordar sobre o diagnóstico da doença. Na sua aflicção a Mãe implorou o auxílio da Virgem Santíssima da Fátima, começando logo a sentir melhoras.

Hoje está completamente restabelecido, trabalhando para ajudar o sustento da família.

NA AMÉRICA

D. Julieta R. Sousa — Now Bedford — América, em carta de Fevereiro de 1935, à *Voz da Fátima*, diz o seguinte:

«Estando meu filhinho Manuel, de 4 anos de idade, com uma paralisia infantil e outras complicações, e tendo o médico declarado que tais casos eram quasi sempre fataes, e que, por isso, o meu filho difficilmente se salvaria, eu, aflita com tão grande dor, pelo perigo em que o meu filhinho se encontrava, voltei-me para a Virgem Santíssima Nossa Senhora da Fátima cuja imagem possuo, e pedi-lhe que livrasse o meu filhinho de todo o mal, que lhe desse saúde e bom juízo e que lhe concedesse a graça de ficar sem defeito algum. Ao mesmo tempo lavei-lhe a testa com a água do Santuário e dei-lhe também a beber umas gotas da mesma água por duas vezes, e prometi uma missa a Nossa Senhora prometendo-lhe também a publicação desta graça no seu Jornal *Voz da Fátima*.

Graças a Deus e à Virgem Mãe do Céu, no dia seguinte o meu filhinho não tinha febre nem o mal na cabeça e começou a dormir bem e a ter movimento no seu corpo. O médico vendo-o assim, disse-me: «o menino está curado e livre de todo o perigo».

Eu, cheia de gratidão para com tão boa Mãe venho render-lhe hoje infinitas Ações de Graças e publicar no *Jornal Voz da Fátima* esta graça tão extraordinária que a Mãe do Céu me alcançou.

(a) Julieta R. Sousa

BIBLIOGRAFIA DA FÁTIMA

“A Virgem da Fátima,”

por Marques da Cruz

O Sr. Dr. J. Marques da Cruz esteve, há pouco, em Portugal.

Visitou a Fátima que já conhecia de muito ter lido do que ali se passa e ficou a conhecê-la de vista.

Tomou parte na peregrinação do dia 13, reviu a fé da boa gente da nossa terra e sentiu com esses milhares de peregrinos a graça e o encanto que enche a terra sagrada da Cova da Iria.

A Comunhão quasi interminável, a resignação dos doentinhos, a procissão das velas, a missa do meio-dia com as duas procissões, o adeus final impressionaram-no de tal forma que, de regresso ao Brasil, foi-se ao talento que Deus lhe deu e pô-lo a render por conta da Fátima que canta com ardor

e sinceridade nas oitenta páginas desse delicioso poema que a gente lê com sofreguidão pois vai repassando pela



Dr. José Marques da Cruz, o autor de *A Virgem da Fátima*

memória toda a história das aparições e num como corolário a solução clara de quanta tolice a mente humana pôde acumular nos últimos tempos contra Deus e a Religião.

O quadro é este: emoldura-o a arte elegante e o jeito literário que a gente lhe conhece das outras publicações que lhe grangearam, nome e estima no mundo das letras aquém e além Atlântico.

Os nossos leitores terão dentro em breve o prazer de saborear essa obra de que vai ser feita uma edição especial destinada apenas a Portugal.

Ao ilustre poeta Dr. Marques da Cruz os nossos parabéns.

PENSÃO DA SAGRADA FAMÍLIA

Cova da Iria

A mais próxima do Santuário. Recebe hóspedes permanentes ou temporários — Preço especial para Peregrinações. Grande sala de jantar. Encarrega-se de serviços para Missas Novas e Casamentos.

Pedidos a J. Gonçalves Ramada — Fátima

Crónica de Julho - 13

(Continuação da 1.^a página)

santuário de Nossa Senhora da Fátima, mas pode dizer-se com verdade que todas ou quasi todas as regiões de Portugal estiveram ali representadas nesse dia por alguns fiéis naquela grandiosa homenagem de piedade filial e de gratidão para com a sua augusta Rainha e Padroeira.

distinto sacerdote, missa que fora celebrada nesse mesmo local.

//

Pouco depois do meio-dia, rezou-se o terço em comum, efectuando-se em seguida a primeira procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Foi também o rev. dr. Galamba de Oliveira que deu a bênção com o Santíssimo Sacramento às diversas filas de doentes que se tinham feito inscrever previamente no Pósto das verificações médicas e, depois, a bênção geral.

Prêgou o rev. P.^o Jacinto de Magalhães, abade de Mafamude, que tomou para tema do seu sermão as palavras do hino litúrgico: *Tu gloria Jerusalem, tu lactitia Israel.*

Terminada a missa, realizou-se a segunda procissão com a imagem de Nossa Senhora, tendo Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria dado a bênção episcopal antes de o cortejo se pôr em marcha.

Por fim, em frente da capelinha das aparições, fêz-se a costumada consagração de todo o povo a Nossa Senhora, concluindo os actos religiosos oficiais com o canto comvente do «Adeus» e iniciando-se logo a debandada dos peregrinos. Visconde de Montelo.

Nessa ocasião sobrevoou o recinto dos santuários um avião nacional que, depois de ter realizado algumas evoluções, se retirou na direcção do sueste, de regresso à sua base. Celebrou a missa dos doentes, no altar exterior da Basílica, o rev. dr. José Galamba de Oliveira, professor no seminário e no liceu e director diocesano da A. C. M. de Leiria. Passava nesse dia o décimo primeiro aniversário da celebração da primeira missa daquele

Uma fábrica modêlo

Um patrão que se sacrifica pelos seus operários
Operários doidos pelo seu patrão

Quem foi à Fátima nos passados dias 12 e 13 teve a alegria de observar que, entre as várias peregrinações organizadas, que, nesses dias, se dirigiram ao Santuário de Nossa Senhora, a mais piedosa, mais ordenada e talvez a mais numerosa era a dos operários da *Fábrica Barcelense de João Duarte e C.^o Ld.^a*

O aprumo, a correcção, compostura e piedade dos que a compunham foram notados por toda a gente. Desejamos focá-lo aqui como um exemplo a apontar a patrões e empregados.

A peregrinação à Fátima foi o remate.

Antes, haviam tido um retiro que lhes pregara a alma de apóstolo do Rev. P.^o Domingos Gonçalves, Director das oficinas de S. José de Guimarães e Assistente Eclesiástico da Junta Diocesana de Acção Cató-

lica. No último dia foi a Consagração da Fábrica ao Sagrado Coração de Jesus.

Patrões e operários aproximaram-se da mesa eucarística apenas com meia dúzia de excepções.

Durante o ano depositaram os que quiseram (só uns seis se negaram) dez tostões por semana para a grande peregrinação-excursão que agora realizaram. Os patrões entraram com 13 contos.

A fábrica parou durante a peregrinação e os operários continuaram a ganhar.

Durante a viagem e na Fátima era de todo o carinho dos patrões e a amizade com que lhe correspondiam os operários.

Que o Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Fátima se dignem abençoar os patrões e operários dessa empresa e fazer com que na nossa terra se multipliquem esses nobres e fecundos exemplos de compreensão e mútua colaboração no meio da caridade e da justiça.

Este número foi visado pela Censura

Recordação da Fátima

O movimento no hospital tinha sido proporcionado ao da extraordinária peregrinação daquele dia 13, mas agora tudo estava silencioso nas vastas enfermarias em desalinhio conforme tinham sido evacuadas à pressa para a assistência à Missa e à bênção dos doentes.

Pelas janelas abertas penetravam os últimos cânticos.

No sussêgo duma das galerias, três servitas esbrazeadas e extenuadas procuravam um pouco de frescura antes de fazerem os preparativos para o regresso.

— *As senhoras dão licença?*... Era uma rapariga modestamente vestida, de chaile e lenço, calçado atestado muito uso ou longa caminhada.

— *Entre... Precisa de alguma coisa?*...

Uma das três senhoras, já de certa idade, levantara-se à entrada da jovem, cuja voz a despertara da sonolência em que ia mergulhando e começara resolutamente a despir a bata.

— *Quería pedir... uma grande caridade... Se me recebiam cá no hospital.*

As servitas observaram o aspecto robusto da rapariga e entreolharam-se.

— *Então está doente?*

A resposta veio pronta:

— *Não, graças a Deus. A saúde não falta. Era como criada... ou como o que quisessem, que vinha pedir que me recebessem...*

Havia soluços na voz e lágrimas nos olhos da rapariga e as servitas — a senhora idosa e duas joyens — aproximaram-se.

— *Pobre pequena* — disse aquela pondo-lhe a mão no ombro — *este hospital é só para os peregrinos. Fora dos dias 12 e 13 — a não ser por caso extraordinário — não há aqui doentes e, nesses dias, as*

enfermeiras e criadas somos nós.

A rapariga juntou as mãos num gesto de súplica ao Céu.

— *Então eu hei-de voltar para casa, minha Mãe da Fátima?*...

— *Pois assim recias voltar para os teus, pequena? Porque donde és?.. Vieste só?*

— *Sou de muito longe... Há quatro dias que caminho quanto posso, mal me atrevendo a pedir um bocado de pão e uma enxêrga com medo de que me julgassem vãdia.*

— *Mas... vieste então só?*

— *Vim, e ninguém sabe para onde. Só na véspera, ao deitar um dos meus irmãozitos, recomendei-lhe: «Amanhã dizê a mãe que fui em busca de trabalho. Depois lhe mando dizer onde o achei». Mas a minha ideia era já vir pedi-lo a Nossa Senhora da Fátima e, como vi este hospital tão grande e com tantos doentes...*

— *Mas já vês que Nossa Senhora não te quer cá e, então, vais voltar para tua mãe. Dize-me de onde és... Vamos ver se te arranjamos ainda transporte...*

Era sempre a senhora idosa que falava e, entretanto, dirigia-se para a porta mais próxima. Mas a rapariga de olhos muito abertos, colocou-se-lhe na frente:

— *Não, não. Nem que tivesse de morrer de fome por esses caminhos.*

A senhora pegou-lhe nas mãos.

— *Sossêga... Ninguém te levará à força. Mas... sentes confiança em mim? Queres dizer-me o motivo por que não voltas para a tua terra?*

— *Nunca abri a boca. Mas agora e aqui...*

E relanceava o olhar pelas joyens que a contemplavam admiradas e enternecidas.

— *Sim, minha senhora, quero contar-lhe tudo... mas só a si...*

— *Está bem. Estas meninas, minhas filhas, vão aprontando tudo para a partida e entretanto conversam a sós, sim?*

Orfã de pai, nunca a mãe soubera ser mãe. Vigilância, amparo, a mais rudimentar noção do que fosse moral, nada do que cumpria a uma e era indispensável à outra, se exercera durante os quasi vinte anos da pobre rapariga. E, quanto a carinho, só o arremêdo que recebia quando os seus braços sádios e as suas mãos — as mais jeitosas da aldeia — lhe entregavam o produto dalgum trabalho mais rendoso. A sombra do desleixo e inconsciência daquela mãe, os perigos cresciam dia a dia em redor da filha até que a pobrezita, vendo-se perseguida por todos os lados, resolvera fugir, mais por

instinto que por conhecimento da sua dignidade.

O colóquio acabara. Dum lado alívio e esperança; do outro, fundas compaixão; lágrimas de ambas. Um automóvel buzina de frente da porta junto da qual se encontravam. A senhora levantou-se e fez sinal à rapariga para que a seguisse.

— *João* — disse para o motorista — *faça o favor de ver se as mantas ainda cabem na mala: preciso de mais um lugar.*

E, risonha, para as filhas que a olhavam surpreendidas:

— *É uma recordação da Fátima que não contávamos levar... Ajudará na costura ou na cozinha conforme for necessário.*

(Continua no próximo número)

Julho de 1937 M. de F.

Cruzados de Fátima na Arquidiocese da Braga

São 140.000 os Cruzados na Arquidiocese Primaz, organizados em 9.800 Trezenos.

Ao findar o 1.º Quadrimestre do ano corrente, foram celebradas mais 810 Missas pelos Cruzados vivos e defuntos da Arquidiocese, o que prefaz o total de 6.686 Missas, desde o início da organização da Obra.

Avante, Zelosos Chefes de Trezenos, a quem se deve este esplêndido sucesso! Sempre mais e sempre melhor! Que todos trabalheis por que os vossos Cruzados nunca desertem nem esmoreçam, mas que todos perseverem até morrer; só assim terão direito incessantemente a este manancial de graças.

E quando algum desaparecer, que o devoto chefe procure imediatamente pôr outro no seu lugar.

Além disto, torna-se a pedir encarecidamente que cada família, onde há vários Cruzados, se contente com um só jornal, para se poupar tanto dinheiro precioso, que se desbarate com jornais perdidos, o qual revertirá em favor deste movimento de salvação.

E Jesus Cristo-Rei há-de reinar!...

Aqui está a evidência que o Deão de Cantuária não pôde encontrar em Barcelona

«Não encontramos nenhuma evidência duma propaganda organizada pelos «Sem-Deus» como a que existiu na Rússia Soviética. Na nossa inquirição não fomos capazes de encontrar nenhuma caricatura de Deus, de Cristo, da Virgem e dos Santos, como os sinais de propaganda dos «Contra-Deus» em outras nações.»

Esta foi a reportagem da Espanha vermelha em Fevereiro passado, feita por um grupo de homens da igreja anglicana, incluindo o Deão de Cantuária.

Agora lemos o seguinte no jornal «Northern Daily Telegraph» de 19 de Junho p. p. Foi escrito pelo sr. John Brown, autor do «I was a Framp». (Eu fui um mendigo errante) depois de visitar Barcelona.

Propaganda nos funerais

«O Chefe do Sindicato Operário da U. G. T. disse-me que não tinham deixado um só padre em Barcelona, e de facto não pude encontrar sequer um só. Ele cria que se ia produzindo cada vez maior perturbação e tinha para si que os comunistas iam crescendo em influência.»

Preguntei se era verdade que já não havia enterros religiosos, e ele disse-me que sim. Os comunistas de facto usam de cada entêro como duma demonstração de propaganda.

Os caixões vão cobertos com bandeiras vermelhas e todas as coroas

compradas nos mercados devem levar divisas revolucionárias.

Não se pode rezar nada ao pé das sepulturas, nem mesmo os parentes dos falecidos. Os vênhos é que protestavam contra este proceder, mas a passagem da onda revolucionária não eram capazes de se manifestar.

Achel confirmadas as narrações sobre o terem sido mortos a tiro muitos padres, mas foi-me impossível obter gravuras de confiança, e a propaganda comunista dos «Contra-Deus» está sendo espalhada de tal forma que é moda agora atacar o Cristianismo.

O Arcebispo protestante de Cantuária lava as mãos da inquirição que o seu Deão fez em Espanha

O Arcebispo protestante de Cantuária declarou na Reunião Eclesiástica de 16 de Junho que não tinha nenhuma responsabilidade em vários actos recentes e opiniões do Deão de Cantuária; e embora o desejasse, não podia por lei remover o Deão do seu officio por causa de tais actos e opiniões.

Eu manifestei-lhe o meu pesar de que ele tivesse trazido para a arena de uma viva controvérsia política o nome da igreja Catedral de Cantuária.

Grande aplauso se seguiu a esta declaração.

VINHO BRANCO DOCE ESPECIAL PARA MISSAS

PEDIDOS A ANTONIO DE OLIVEIRA Aldeia Nova — Norte

LINDAS ESTAMPAS DE NOSSA SENHORA DA FATIMA

em meio corpo, corpo inteiro, de perfil, com os pastorinhos, para encaixilhar.

a 1\$00, 2\$50 e 3\$00 Peçam-nas e mandem o dinheiro à Gráfica — LEIRIA ou a Santuário da Fátima — Cora da Iria.

Vila Nova de Ourém

Pulverise FLIT o inimigo implacável dos insectos



Não use «insecticidas» inúteis contra as traças, arriscando os seus vestidos!

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. Nenhum producto vendido avulso é Flit. Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PÓ FLIT nas fendas e buracos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.



FLIT mata SEMPRE!

PHOENIX C. Inglesa de Seguros.

Máxima garantia às melhores taxas.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

JOELHOS FERRUGENTOS!

Inchada aos 30 anos devido ao reumatismo

Uma mulher de Ovar tinha 30 anos e já parecia uma vênha. A sua história interessa a quantos sofrem de reumatismo. Tinha apenas 30 anos e já sofria de reumatismo artítico. As suas mãos e artelhos costumavam incharem e doiam-lhe muito; os joelhos pareciam enferrujados. Começava, apesar da sua pouca idade, a sentir-se vênha antes do tempo. Depois de

gastar centenas de escudos em drogas, resolveu-se a experimentar os Sais Kruschen. Tomou-os seguindo as indicações, num copo de água quente. Seis meses depois de iniciar o tratamento de Kruschen, as mãos e pés estavam normais e sentia-se diferente sob todos os pontos de vista.

As dores reumáticas são causadas pelos depósitos dos cristais de ácido urico que se formam nos músculos e nas articulações. Os dissolventes mais enérgicos dos cristais de ácido urico são o potássio e o sódio. Na composição de Kruschen entram ambos estes sais que são os únicos capazes de dissolver os cristais de ácido urico.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias a Esc. 17\$00 o frasco grande e Esc. 10\$00 o pequeno.

NÃO PODIA COMER NOS RESTAURANTES

E morava nos arrabaldes

Triste vida a deste empregado de escritório! Como era dispéptico, não tolerava a comida dos restaurantes e, como morava nos arrabaldes, não tinha tempo para ir almoçar a casa. Tinha que se contentar com um copo de café com leite e umas bolachas. Mas um dia, um amigo vênho, aconselhou-lhe as Pastilhas Rennie e, de então para cá, não há comida que lhe meta medo! Chupa uma ou duas pastilhas depois das refeições e é quanto basta para que as suas digestões se facam com facilidade.

As Pastilhas Digestivas Rennie suprem as deficiências das secreções gástricas e neutralizam os excessos de acidez. Suprimem aquela conhecida sensação de peso, arrotos, amargos de boca e azia.

Vendem-se em todas as farmácias a 6\$00 cada pacote.

Vestidos de Comunhão, Silvas e Veus — Alugam-se na Casa de José Pereira da Rocha Sande.

MARCO DE CANAVESES

URODONAL EVITA A ARTERIO-ESCLEROSE

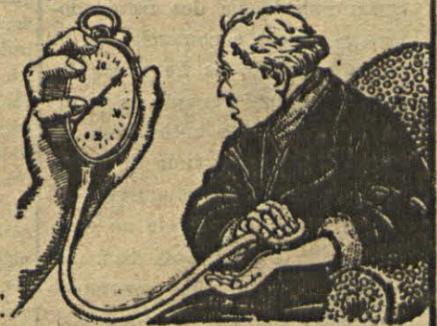
VIGIE A SUA TENSÃO ARTERIAL:

O sinal dos temporais indicam o principio da arterio-esclerose

Tem-se a idade das suas arterias. Conservar as arterias novas com o URODONAL é evitar a arterio-esclerose, a qual endurece as paredes dos vasos, ficando friáveis e rígidas.

«A indicação principal, no tratamento da arterio-esclerose, consiste primeiro em impedir a nascença e o desenvolvimento das lesões arteriais. No periodo de pre-esclerose, deve-se lutar, antes de mais nada, energica e frequentemente contra a retenção do ácido urico no organismo, visto ser o unico factor da hipertensão. Para esta luta só o URODONAL está indicado».

PARA UM TRATAMENTO COMPLETO! FRASCO TRIPLE Economia de 30 % 3 vezes o conteúdo do frasco normal



COUPON Remetemos gratuitamente o livro do Dr. Falvre: «Porque razão é um perigo o sangue carregado de ácido urico» contra envio deste anúncio para: DEPOSITO GERAL DO URODONAL — Apartado 143 — LISBOA

É um produto CHATELAIN A MARCA DE CONFIANÇA

Preparado em Portugal sob o contróle dos Laboratórios de Urodonal

COISAS
QUE EU
PENSO

SÔBRE O ATENTADO ///

Todo o país vibrou de indignação com o atentado cometido no dia 4 do mês passado — dia da Rainha Santa Isabel — contra o Presidente do Conselho, sr. dr. Oliveira Salazar.

As circunstâncias em que se salvou aquela preciosa vida — à hora de ir à missa em dia de Santa Isabel e o malôgro completo do plano diabôlicamente bem estudado — levaram logo o povo a ver, na salvação do homem a quem hoje a pátria mais deve, uma protecção especial do céu. E, por toda a terra portuguesa, a alma religiosa da nossa gente se expandiu em actos de agradecimento a Deus.

E assim devia ser. Em toda a nossa história se viu sempre a mão de Deus, nas circunstâncias mais graves, a amparar a nossa pátria: não podemos duvidar de que também agora Deus quis poupar a terra portuguesa às consequências de um crime, que não podiam deixar de ser tremendas. Uma pequena distância e poucos segundos de tempo bastaram para evitar uma calamidade, que os maquinadores do atentado queriam ver cair sobre a terra portuguesa. Justos são, pois, os actos religiosos com que o povo, todas as classes da sociedade portuguesa, tem agradecido a Deus essa milagrosa salvação.

Mas é isso mesmo o que mais nos deve fazer pensar — pensar na nossa história, pensar no que nos pode ter merecido, no passado e no presente, essa protecção divina.

Os crimes passados

Depois, o nosso país cometeu pecados mais graves que os pecados individuais dos navegadores, guerreiros e comerciantes. A pouco e pouco, as fraquezas foram sendo maiores que as virtudes, e Deus, e o entusiasmo religioso, foram deixando de dominar na alma dos portugueses, até chegarmos ao que se viu no século passado e em nossos dias.

Com que vergonha mostramos hoje aos estrangeiros que nos visitam os monumentos religiosos — Batalha, Mafra, Alcobaça, Tomar, tantos outros — frios, sem vida, porque uma onda de impiedade varreu os seus moradores! Os preceitos da civilização cristã foram primeiro expulsos, e só mais tarde tolerados, como quasi tolerado era o próprio Deus, de que se fizera uma espécie de capela da Casa Real, sem quasi nenhuma influencia oficial na vida do país.

Foi proibido ensinar aos nossos filhos os próprios mandamentos da lei de Deus!

Os castigos

E o castigo foi acompanhando a infidelidade à missão histórica do nosso povo. Portugal chegou a ser o país pobre, e desacreditado, que os estrangeiros evitavam porque era teatro de lutas contínuas; e foi durante esse tempo, que, na sociedade portuguesa, se formou a geração que agora irrompe dos canos de esgôto, a querer suprimir Salazar, para destruir com elle os sacrificios com que em quasi doze anos estamos expiando os erros do passado e fazendo jus à continuação da protecção divina.

Que lição devemos tirar do atentado? Esta: levar a esses inimigos a convicção de que hoje não bastará um atentado para que consigam espèzinhar outra vez a nossa pátria. A convicção de que com Salazar, com o exército, com a Legião e com a Mocidade Portuguesa, está todo o país, unido como um só homem, para se defender, para defender a obra que tantos sacrificios tem custado, para fazer voltar aos esgotos aquêles que não podem ver, ao lado dos horrores de Espanha, a paz, a ordem, o progresso, a reconquista lenta da prosperidade pelo trabalho, dentro da justiça e com o complemento da caridade cristã.

Se Deus quis que Salazar se salvasse, devemos estar preparados, porque esse é inevitável, é de todos nós compete fazer eterna, Deus afaste, de ser preciso um sobreviver a quem a realizou, pádia, não já dar graças pelo malôgro de um atentado, mas mostrarmos-nos capazes, se outro atentado vingasse, de fazer aquilo que Salazar disse em Lisboa: *continuar a obra da restauração nacional.*

O que mais pode atormentar a alma de Salazar não é o seu fim, tirasse.

B. A. Lança

FALA UM MÉDICO

XVI

A febre tifóide

No verão e no outono torna-se mais freqüente uma longa e grave doença do intestino delgado, a febre tifóide, às vezes imprópriamente denominada tifo e outras vezes confundida com as febres para-tifóides, e outras febres ou infecções intestinais, ou assim designada também.

Outrora a febre tifóide punha os doentes às portas da morte, durante um a dois meses; e, depois da cura, muitos dos atacados ficavam com lesões do coração e de outros órgãos.

Com os progressos da medicina, a febre tifóide perdeu bastante da sua gravidade, sendo muito menor a mortalidade causada hoje por tal moléstia.

Ainda assim, muito convém que todos tenham certas noções da higie-ne, para que possam tentar prevenir-se contra um possível contágio.

A febre tifóide propaga-se por meio dum microbio que vive nos intestinos dos doentes e dos convalescentes.

Por esse motivo, as fezes e a urina dêles devem ser escrupulosamente desinfectadas; e quem tiver de lidar com tíficos, deve tocar-lhes o menos possível e lavar as mãos amíde. Houve quem chamasse a febre tifóide a *doença das mãos sujas...*

Nas grandes acumulações de povo, aumentam os riscos de contágio. Nas guerras antigas, morriam mais soldados de febre tifóide do que feridos por balas.

Esta doença pode transmitir-se pela água contaminada ou por certos alimentos que se usam crus e que estiveram em contacto com a terra ou com a água poluída, tais como as alfaces, os morangos, os agridões, as ostras e outros mariscos, etc.

Em ocasiões de epidemia, deve evitar-se, tanto quanto possível, o uso dêesses alimentos e apenas usaremos água fervida ou filtrada.

Aplica-se hoje uma vacina específica contra a febre tifóide, a qual, infelizmente, não imuniza por tanto tempo como a vacina contra as betugas.

A vacina contra a febre tifóide pode ser aplicada pelo médico, em injeções, ou tomada pela bôca.

Em caso de epidemias, de grandes aglomerações de povo, como nas guerras, quando se muda de terra, é prudente praticar a vacinação contra aquela doença.

Na Grande Guerra, por se vacinarem sistematicamente os soldados, a mortalidade por febre tifóide foi insignificante, ao contrário do que sucedia nas guerras antigas. P. L.

CRÓNICA FINANCEIRA

A França é a nação das surpresas. Senhora da melhor porção de terra no da Europa, numa situação geográfica privilegiada, povoada por uma raça inteligente, infatigável no trabalho, poupada e até agarrada ao seu dinheiro como nenhuma outra, a França que por tudo isso é uma das nações mais ricas do mundo e sem dúvida a de economia mais bem equilibrada, a França, dizíamos, de quando em quando apparece-nos como nação pelintra, onde os recursos são tão escassos que os governos têm de recorrer às estamparias do Banco emissor para fazerem dinheiro para as despesas mais urgentes.

A Inglaterra, e os Estado Unidos, que são as duas nações com formas de governo mais parecidas com a da França, não recorrem nunca a tal expediente para resolver um problema tão insignificante... para elas. Dizia há pouco: uma conceituada revista inglesa, que era muito difícil a um inglês compreender que um governo pudesse cair em França por falta de dinheiro para as despesas imediatas, porque nunca em Inglaterra um governo deixaria de obter na praça o dinheiro necessário para fazer face a essas despesas.

Mas tão pronto a França se mostra pelintra, como se mostra abastada e farta. É sempre uma questão de poucos meses e não muitos. A falta de dinheiro não é doença mortal, dizem os políticos franceses e é verdade. A França atravessa neste momento uma grave crise de falta de dinheiro, mas não levará muitos meses que dela esteja curada.

O grande mal da França é o seu anti-clericalismo que acabou por se transformar em odio violento à Igreja e em alguns espiritos mais obtusos, em odio a Deus. Esse é que é o grande mal da França, mal tão antigo que se afigurava já incurável a muitos espiritos desapaixonados. Mas até nisso a França nos reservava uma surpresa...

A visita de Sua Eminência o Cardinal Pacelli à pátria de S.^{ta} Terezi-nha, veio mostrar ao mundo católico estupefacto que a França dos Combes já não existe, morreu.

Houve episódios muito interessantes na visita à França do illustre Cardinal Secretário de Estado de Sua Santidade.

Em toda a parte onde apparecia o Cardinal legado, as multidões aclamavam-no com delirio. E não só as

multidões católicas, como em Lisieux, mas as próprias multidões formadas espontaneamente nas ruas.

Emquanto Sua Eminência falava no púlpito de Notre Dame, em Paris, juntou-se na grande praça para onde dá a porta principal da famosa catedral uma compacta multidão que, à saída, aclamou o eminente purpurado com o mesmo entusiasmo das multidões de Lisieux. Do mesmo medo foi Sua Eminência aclamadíssimo, à saída da estação, em Paris, pela multidão que estacionava na rua. Em toda a parte, enfim, onde Sua Eminência apparecia, as aclamações eram delirantes e espontâneas.

Depois da reconquista das elites, começa a Igreja a fazer a reconquista das massas cidadinas francesas.

Dêmos graças a Deus, por que a reconquista da França para a Igreja, é a reconquista da Europa e um grande passo para a reconquista do mundo.

Grande e difficil empresa essa a que não bastaram as forças dos homens para a levar a cabo. Foi preciso Lourdes e não somente Lourdes, mas ainda Lisieux!

Tanta molis erat...
Pacheco de Amorim

A VOZ DA FÁTIMA é a publicação de maior expansão em Portugal

Algarve	6.125
Angra	20.025
Beja	4.112
Braga	86.248
Bragança	13.844
Coimbra	18.527
Évora	5.258
Funchal	18.449
Guarda	27.796
Lamego	13.422
Leiria	17.677
Lisboa	11.471
Portalegre	10.881
Pôrto	62.450
Vila Real	33.134
Viseu	11.170
Total	360.589
Estrangeiro	3.788
Diversos	16.152
Total	380.529

Voz da Fátima

Despesa

Transporte	1.318.003\$70
Franquias, embalagens, transportes, etc.	8.269\$06
Papel, comp. e imp. do n.º 178 (380.529 ex.)	25.611\$40
Na Administração	158\$70
Total	1.352.042\$86

Donativos desde 1590

Júlio Ant.º Assis — Macau, 100\$00; Josefina de Melo — Montemor-o-Velho, 20\$00; Lídia Mendes Leal — Penafiel, 50\$00; Júlio A. Cardoso — Lamego, 20\$00; Mrs. Melo Catharine — América, 1 dólar; José Cardoso — América, 15\$00; Ermelinda Luz — América, 15\$00; António Antunes — Brasil, 30\$00; José O. Lagoa — Brasil, 30\$00; Adelaide Mota — Moçambique, 20\$00; Laura Tóres — Moçambique, 20\$00; Maria Andrade—Moçambique, 20\$00; Claudina Coelho — Moçambique, 20\$00; Lúcia Lousado — Moçambique, 20\$; António Falcão — Moçambique, 20\$; Sebastião Falcão — Moçambique, 20\$00; Miguel Vaz — Moçambique, 20\$00; Madame Bettencourt — Moçambique, 20\$00; Eugénia Graça — Moçambique, 15\$00; Clara Moniz — Moçambique, 20\$00; Márcia Spinola — Moçambique, 20\$00; Elvino Garcia — Moçambique, 20\$00; Virgílio Teles — Moçambique, 20\$00; Joaquim Coelho — Moçambique, 20\$00; José Pires — Moçambique, 20\$00; Beatriz Rodrigues — Moçambique, 20\$00; Matilde Sepúlveda — Moçambique, 20\$00; Maria Pimentel — Moçambique, 20\$00; António P.º dos Reis — Moçambique, 20\$00; Maria Magalhães — Moçambique, 20\$00; Ana de Sousa — Nampula, 30\$00; Mariana Aredes — Moçambique, 20\$; Una crente — Moçambique, 20\$00; Sofia Regalão — Abrunheira, 20\$00; P.º António Maria Alves — Macau, 740\$80; Leonor Branco — América, 15\$00; Evangelina Ornelas — Califórnia, 15\$00; Artur Camarinha — Arcozelo, 20\$00; Júlia F. Osório — Tabuaço, 86\$50; Francisco Craveiro — Califórnia, 1 dólar; Rosalina Amaral — Açores, 20\$00; Maria Isabel Silva — Viseu, 30\$00; Augusto Gonçalves Martins — França 30\$00; Luísa de Albuquerque — Lisboa, 20\$00; Maria Teresa Agular Pacheco — Açores, 100\$00; Francisco C. Marques—Chelo, 20\$00; Maria Rosa — América, 1 dólar; Bernardo Pinto de Almeida — Portêlo, 30\$00; Albino Ribeiro — Brasil, 118\$00; Eduardo Gomes — Lisboa, 20\$00; Ana A Oliveira—Évora, 20\$00; Eugénia Climaco — Tôres Vedras, 20\$00; P.º António Palhares — Lanheses, 30\$00; José Ribau — Cambela, 20\$00; Maria Borges — Lousada, 15\$00; Custódio Lopes — Lisboa, 15\$00; P.º Henrique Garcia — Almalaguez, 20\$00; Vitória Subtil — Bário, 30\$00; Um anónimo, 30\$00; Leonor Costa — Pôrto, 20\$00; Venina Peixoto — Braga, 20\$00; Filomena Peury — América, 1 dólar; Maria A. Mosteiros — Açores, 1 dólar; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vide, 26\$00; Maria Firmo — Carvalhal, 20\$00.